

EDU,

UMA VIAGEM PASSADA A LIMPO

1967

NELSON MOTTA FILHO



Edu Lóbo fez até poema em Paris

— Um sentido de solidão e de absoluto anonimato diante da cidade estranha marcou profundamente o meu primeiro mês em Paris, mas ao mesmo tempo me deu uma noção mais justa de valor de cada um e das dificuldades que cercam um artista desconhecido. Tive que começar tudo de novo, porque lá ninguém sabia quem eu era. Foi muito duro, mas depois as coisas melhoraram, nos contatos que mantive com Eddie Barclay e logo em seguida o contrato para musicar oito filmes para a televisão francesa. Mas o começo foi difícil.

É Edu Lôbo quem conta o que acredita que foi realmente importante em sua viagem, onde a sua convivência com Turíbio Santos, violonista clássico brasileiro, teve uma importância muito maior do que os romances e pseudo-romances com condêssas, de que tanto falam.

REENCONTRO

Encontrando seu parceiro, o cineasta Rui Guerra, que está trabalhando para a televisão francesa, a dupla de *Reza e Aleluia* voltou a se encontrar e o resultado, que no ponto-de-vista de Edu, foi o melhor possível: *Catarina e Mariana*, canção que fala da angústia de esperar, de jangada que volta e de duas moças na praia, uma menina e outra morena:

“Não sei o que me dá mais
[pena,
Se Catarina menina, se
[Mariana morena,
Chora e reza Catarina
Mariana espera e chora
Chora e reza a mais me-
[nina
Chora e chora a mais for-
[mosa.”

Outra música feita em Paris, de que Edu fala com o maior entusiasmo, é seu frevo, ainda sem título. Pernambucano de nascimento, Edu pôs em seu frevo o carnaval, “a menina de trança e o frevo na rua” que po-

voavam sua memória e sua saudade.

“Eu havia feito um poema, coisa muito rara de acontecer, conta Edu, e como havia nas palavras um ritmo muito acentuado e uma musicalidade natural e fluente, resolvi musicá-lo e saiu o frevo.”

Falando sobre a penetração da música moderna brasileira na Europa, Edu não se mostra muito animado, pois no ponto-de-vista popular, de *hit-parade*, a nossa música realmente não tem expressão, mas nos meios musicais, nas fábricas de discos e entre os *experts*, os elogios e o respeito por Tom Jobim, Baden Powell e outros são uma constante.

Também em relação ao cinema brasileiro, Edu julga a situação idêntica, onde a falta de uma promoção violenta dificulta a sua penetração popular, “apesar do *Cahiers* elogiar.”

CINEMA — O cinema, fonte permanente de interesse de Edu, foi responsável por algumas alegrias e uma grande decepção em Paris.

— O filme de Chaplin, sim, Chaplin de Carlitos é qualquer coisa de inacreditável, para quem conhece a obra do criador de *Em Busca do Ouro* e *O Grande Ditador*. A impressão que me deu foi a de festa de fim de ano em colégio. Até o meio do filme fiquei esperando que aparecesse algum letreiro avisando: “Agora acabou a brincadeira, vamos começar o filme...”

— O filme de Chaplin provocou em mim, continua Edu, uma série de pensamentos a respeito da renovação do artista, da pesquisa e da decadência, que é implacável mesmo em um gênio da altura de Chaplin.

— O que pretendo agora, é continuar meus estudos de música de orquestração, que considero de fundamental importância para um compositor. São o instrumental básico para uma criação

musical mais séria. A orquestração, principalmente, me fascina, diz Edu, referindo-se com grande entusiasmo ao seu trabalho em *Veleiro*, faixa do LP que gravou para a Elenco, com Maria Betânia.

Como deve voltar para a Alemanha no dia 27 de abril, o compositor de *Arrastão*, pretende, neste pouco tempo que ficará no Rio, deixar muitas músicas, talvez um *show* em boate, talvez um disco instrumental e uma nova montagem de *Zumbi*, com *ballet*, música e um cântico, recitando os textos à maneira de um cântico grego.

Em relação à sua música, Edu acredita que está se simplificando, sem que esta simplificação implique na criação de uma música fácil.

Pelo contrário, diz, é uma simplicidade elaborada e que me custa muito trabalho e muito estudo. De algum tempo para cá, desde que comecei a estudar música e a ouvir música mais séria, minha linha de composição mudou muito e mais que isto, meu método de compor transformou-se. Se antigamente eu fazia uma música aos pedaços, na base da inspiração, hoje realizo meu trabalho de uma maneira muito mais consciente e racional, sem que isto resulte numa mecanização, porque o coração está sempre supervisionando tudo.

— A importância do *Zumbi*, para mim, resulta na quebra de um mito que existia e ainda vive em muita gente: música é inspiração, é momento. Nada disso, é perfeitamente possível fazer uma música com hora marcada e letra já feita, da maior qualidade. Música é trabalho, é técnica e método. Mas sem coração, não adianta.

BOSSA NOVA E MÚSICA MODERNA

Comentando que está havendo uma certa tendência, em alguns grupos modernos, de negar importância a Tom Jobim e Carlos Lira e considerá-los até ultrapassados, Edu não faz a menor concessão quando diz:

— Um compositor moderno que negar Tom Jobim está negando a si mesmo.

Esta gente não quer entender que o Tom é um dos responsáveis por tudo isto que hoje está aí. Se não fosse ele, seria muito difícil a gente fazer o que faz hoje.

Em seguida Edu fala com grande orgulho de sua geração:

— Acho que a música brasileira está vivendo agora um momento de grande importância, com esta geração de que me orgulho de fazer parte. Mas sem nunca esquecer o trabalho dos que vieram antes e, queiram ou não, ficaram para sempre.

— É com a maior alegria que vejo este pessoal to fazendo uma música boa, tão séria, tão moderna e ao mesmo tempo diferente de uns para outros.

Gilberto Gil, Caetano Veloso, os poetas Torquato Neto e Capinam são motivo para os maiores elogios de Edu Lôbo, que vê em Dori Caími o músico mais completo de sua geração:

— O baiano é realmente terrível, tem uma intuição harmônica e musical excepcional. Estou também encantado com o trabalho que ele realizou para a minha *Candeias*, gravada por Gal Costa.

O lirismo de Francis Hime e a pesquisa e musicalidade de Sídney Miller também entusiasma Edu, que

perícia, as criações de Geraldo Vandré.

Chico Buarque, também para Edu Lôbo, é um caso à parte:

— A sua sensibilidade poética, o seu talento e a simplicidade que existe em seus versos são alguma coisa de muito sério. E aos que dizem que o Chico vai passar, que é moda, estou apostando qualquer coisa no mouro. Os que passam são os que não têm estrutura humana e cultural para entender um sucesso fulminante e imprevisto. Isto não vai jamais acontecer com o Chico, que tem a justa noção dos valores e inteligência bastante para entender que o sucesso imediato pode acontecer ou não, sem que isto interfira na seriedade de seu trabalho e na sua vontade de dizer as coisas. E ele ainda tem muito a dizer.

Ainda sobre o sucesso popular, o criador de *Reza* preocupa-se em entender e estudar o fenômeno, extraindo disto a experiência e maturidade necessárias para orientar a sua criação.

— Uma de minhas músicas, *Upa Neguinho*, de parceria com Gianfrancesco Guarnieri, andou fazendo muito sucesso popular, algum tempo atrás, enquanto *Canto Triste*, música com que concorri ao Festival Internacional da Canção, passou totalmente despercebida, embora eu a considere a melhor coisa que já fiz. E agora?